

**Para a tradução simultânea
PORTUGUÊS DO BRASIL**

Mollens, 09 de agosto de 1990

Pensamento Espiritual:

A ARTE DE REMOVER¹

Caros amigos,

Eis-nos na segunda ligação telefônica mundial: agradeçamos a Deus, também hoje, por podermos nos sentir unidos no mundo inteiro. Que Jesus esteja entre nós!

Daqui a dois dias será a festa de santa Clara² e, como já costumamos fazer todos os anos, nos congregaremos em reuniões familiares, festivas e alegres. Isso acontecerá também com muitas pessoas aqui na Suíça.

Porém, este ano, desejaríamos dar a essa data um significado mais preciso. Sem nos esquecermos das felicitações, que desde já queremos dirigir a todas as pessoas de nome Clara no nosso Movimento, gostaríamos que, a partir de agora, o dia 11 de agosto fosse uma festa da Obra, na qual agradecemos a Deus pelo ano decorrido; uma festa em que – mesmo entre canções, danças, coreografias, espetáculos, doces etc. – sejam lembradas as grandes graças que Deus nos concedeu nos meses anteriores. Isso também para nos encorajar a melhorarmos sempre. Naturalmente, tudo sob a proteção da grande Clara de Assis que, desde os primeiros tempos da nossa história, esteve bem perto de nós. De fato, todos os anos recordamos um aspecto da sua vida que nos ajuda a compreender melhor nossa espiritualidade.

É o que queremos fazer este ano.

Clara tornou-se santa por muitas razões. E certamente não foram as últimas delas as duríssimas penitências. Era filha de seu tempo, quando se acreditava que, para chegar a Deus, era preciso fazer penitências (embora mais tarde, com são Francisco, modificasse seu pensamento e seu comportamento, esforçando-se por caminhar para Deus através da imitação de Cristo).

Contudo, fez penitências, muitas penitências, a ponto de adoecer.

O que nos afirma Clara de Assis com esta particularidade da sua vida terrena?

1 Chiara Lubich, *Caminhar juntos*, São Paulo, 1995, Pág. 42-45.

2 O dia de santa Clara de Assis (11 de agosto) tornou-se uma "festa de família" para os focolares no mundo inteiro.

São mesmo necessárias as penitências para se alcançar a santidade?

O que Jesus pensa sobre isso? O que pensa a Igreja?

<<Cristo, que em sua vida sempre fez aquilo que ensinou, antes de iniciar seu ministério, passou quarenta dias e quarenta noites em oração e jejum>> (Paulo VI, *Paenitemini*). Portanto, Ele não aboliu, por exemplo, o jejum. No entanto, insistiu sobretudo na renúncia a si mesmo e no carregar a própria cruz (cf. *Mt 10, 38-39*).

A Igreja, por sua vez, também convida todos os cristãos, indistintamente, a fazer algum ato voluntário de penitência (cf. *ibidem*).

Nós – como sabemos – seguimos o caminho do amor, do amor a Deus, estando inteiramente projetados na sua vontade, ainda que dolorosa, e projetados no irmão. Em especial, vamos a Deus através do irmão. É aqui que encontramos a mais ampla possibilidade de renunciar a nós mesmos e de carregar nossa cruz. Pensando nos outros, cuidando deles, não pensamos em nós mesmos, renunciando-nos, estamos desprendidos de nós mesmos. E isso, de modo especial, não só quando o irmão é sensível e responde ao nosso amor mas também quando não o é.

Se o irmão, quando ama, é, na verdade, muitas vezes causa da nossa alegria, daquela alegria sobrenatural que conhecemos, por vezes ele é também a nossa cruz, o nosso Jesus Abandonado que devemos abraçar com todo o coração.

E essa é a verdadeira penitência.

Entretanto – já o disse outras vezes, mas repito agora, dada a sua importância -, pode acontecer que, para nos renunciarmos e morrermos completamente a nós mesmos, não seja suficiente amar, tornando nossa a vontade de Deus, mesmo dolorosa, de cada dia, e amar os irmãos, sofrer pelos irmãos. Permanece alguma coisa, algum apego a uma ideia própria, por exemplo, a um gosto pessoal, a uma satisfação, a uma palavra ou a um pensamento inútil ou vão, a um livro, ao dinheiro, a um programa televisivo desnecessário, a pessoas etc.

Então é necessário perder, cortar. E isto também é renúncia, esta também é cruz. Dizia São João da Cruz que, quem não extingue os apegos é como alguém que quer caminhar para Deus, ou seja, fazer a Santa Viagem, puxando uma carroça em subida (cf. *pensamentos*). Se consegue, caminhar muito devagar; ou nem sempre consegue.

Sim, porque santificar-se é como esculpir. Michelangelo dizia que a escultura é a “arte de remover”, de retirar lasca por lasca, fragmento por fragmento de mármore, de argila ou de outro material para dele extrair uma obra de arte. Conta-se que um dia, vendo um bloco de pedra, ele disse: <<Naquele

bloco está escondido um anjo. Quero fazê-lo aparecer>>. E ele o esculpiu, removendo.

Também em nós está escondido Jesus, que devemos fazer nascer e renascer. Então, precisamos, sem dúvida, retirar do tosco bloco de pedra do nosso *eu* tudo o que deve ser eliminado: amando, noventa e nove por cento já desaparece; e renunciando, cortando, removendo, desaparece o restante.

Experimentemos e tentemos continuamente viver assim neste período.

Caros amigos, não se pode alcançar a santidade de qualquer maneira. É uma questão de fineza. Pratiquemos, então, a "arte de remover", amando, evidentemente. E, de modo particular, renunciando.

Chiara Lubich